

Pompeu Brasil, Francisca Patrícia

Bruxas e princesas: Sobre rivalidade femenina e a construção da imagem da boa esposa

6º Coloquio Internacional. Ag n: Competencia y Cooperación. De la antigua Grecia a la Actualidad

19 al 22 de junio de 2012

CITA SUGERIDA:

Pompeu Brasil, F. P. (2012) Bruxas e princesas: Sobre rivalidade femenina e a construção da imagem da boa esposa [en línea]. 6  Coloquio Internacional, 19 al 22 de junio de 2012, La Plata, Argentina. Ag n: Competencia y Cooperación. De la antigua Grecia a la Actualidad. Homenaje a Ana María González de Tobia. En Memoria Académica. Disponible en:

http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trah_eventos/ev_4040/ev_4040.pdf

Documento disponible para su consulta y descarga en **Memoria Académica**, repositorio institucional de la **Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (FaHCE)** de la **Universidad Nacional de La Plata**. Gestionado por **Bibhuma**, biblioteca de la FaHCE.

Para más información consulte los sitios:

<http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar>

<http://www.bibhuma.fahce.unlp.edu.ar>



Esta obra está bajo licencia 2.5 de Creative Commons Argentina.
Atribución-No comercial-Sin obras derivadas 2.5

BRUXAS E PRINCESAS: SOBRE RIVALIDADE FEMININA E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA BOA ESPOSA

FRANCISCA PATRÍCIA POMPEU BRASIL

Universidade Federal do Ceará

(Brasil)

RESUMO

No mito de Psiquê, narrado por Apuleio no *Asno de Ouro*, encontramos a origem de diversos motivos narrativos, presentes em muitos contos de fadas. Tais histórias costumam apresentar personagens que passam por uma espécie de rito de iniciação e precisam provar que são dignas de um casamento feliz. Para alcançar a felicidade, as heroínas cumprem tarefas e superam obstáculos diversos. Quem impõe tais obstáculos são as vilãs das histórias. As duas imagens femininas protagonizam assim uma disputa entre o bem e o mal. Buscamos, em nosso trabalho, fazer uma relação entre o mito de Psiquê e os contos infantis *Branca de Neve*, *Cinderela* e *Bela Adormecida*, a fim de mostrar que as heroínas dessas histórias, para serem dignas de um final feliz, precisam superar obstáculos, os quais servem para sacralizar o sentimento amoroso e valorizar a imagem da boa esposa.

ABSTRACT

In the myth of Psyche, narrated by Apuleius in the *Golden Asse*, it is stated the origin of several narrative motifs presented in many fairy tales. Such stories often have characters that go through a kind of initiation rite

and need to prove they are worthy of a happy marriage. To attain happiness, the heroines fulfill tasks and overcome several obstacles. Who imposes these obstacles are the villains of the stories. The two female images take part in a contest between good and evil. In the present work, we intend to show the connection between the myth of Psyche and the fairy tales of Snow White, Cinderella and Sleeping Beauty, in order to show that the heroines of these stories, to be worthy of a happy ending, must overcome obstacles, which serve to give importance to the loving feeling and enhance the image of the good wife.

RESUMEN

En el mito de Psique, narrado por Apuleyo en *El Asno de Oro*, encontramos el origen de diversos motivos narrativos, presentes en los cuentos de hadas. Estas historias tienen personajes que pasan por una especie de rito de iniciación y deben demostrar que son dignas de una recompensa muy deseada: un matrimonio feliz. Para alcanzar la felicidad, las heroínas necesitan superar desafíos. Quienes imponen obstáculos a esas princesas son las villanas de las historias. Las dos imágenes femininas representan una lucha entre el bien y el mal. Buscamos en nuestro trabajo hacer una conexión entre el mito de Psique y los cuentos de hadas de Blancanieves, Cenicienta y la Bella Durmiente, para demostrar que las heroínas de estas historias, para ser dignas de un final feliz, necesitan superar desafíos, que sirven para sacralizar el sentimiento amoroso y mejorar la imagen de la buena esposa.

PALAVRAS-CHAVE:

Mito-Contos de fadas-Obstáculos-Casamento.

KEYWORDS:

Myth-Fairy tales-Obstacles-Marriage.

PALABRAS CLAVE:

Mitos-Cuentos de hadas-Obstáculos-Matrimonio.

Nos contos de fadas, assim como em alguns contos míticos e em muitos romances românticos, o herói costuma ser movido por um desejo (motivação) que resulta de uma carência sentimental. Nessas narrativas, para suprir essa carência, o herói precisa cumprir determinadas tarefas, ou ainda, superar determinados obstáculos. O autor Denis de Rougemont, em sua obra *A História do Amor no Ocidente*, explica que os obstáculos são uma forma de retardar o prazer e de, conseqüentemente, aumentá-lo. Essa espera, segundo o autor, seria uma forma de valorizar o sentimento amoroso, tornando-o ainda mais desejado e mais sublime. Os obstáculos seriam também uma forma de seleção, pois o pretendente, ao enfrentar as dificuldades que lhe são impostas, estaria mostrando ser mais valoroso que os demais, e, por essa razão, mereceria ser o escolhido. Rougemont (2006: 78-79) afirma que essa mentalidade tem origem nos povos primitivos:

Encontrar a “origem” sagrada dos temas característicos do Romance é um jogo. A busca da noiva distante, por exemplo, está ligada à cerimônia de rapto nupcial nas tribos exogâmicas. A moral da proeza é uma sublimação indisfarçável de costumes bem mais antigos que traduziam a necessidade de uma seleção biológica.

Esses obstáculos seriam uma forma de rito de iniciação, que provaria estar o herói, ou heroína, prontos para ascender a uma nova etapa de suas vidas. Uma das histórias míticas que melhor representa essa necessidade de se vencer

obstáculos para se conseguir a recompensa final é o conhecido mito de Eros e Psiquê.

O mito narra a história de uma bela princesa que, devido à sua grande beleza, passa a ser perseguida pela invejosa deusa Afrodite. A jovem se casa com Eros, filho da deusa, mas, por nunca ter visto o rosto do marido, que sempre se ocultava ao ir ao seu encontro, teme estar casada com um monstro, decide então quebrar o pacto que havia entre eles e, auxiliada por um candeeiro, busca vê-lo de perto. Ao perceber a desconfiança da esposa, Eros foge. Arrependida, Psiquê se mostra disposta a enfrentar todos os obstáculos para ter seu esposo de volta.

Assim como as histórias míticas, os contos de fadas costumam apresentar personagens que passam por uma espécie de rito de iniciação. Essas personagens terão que provar que são dignas de uma recompensa muito desejada: a felicidade eterna - representada nessas histórias pelo casamento.

Nossa intenção, no presente trabalho, é relacionar a história da personagem mítica Psiquê com a das princesas dos contos de fadas. Mostraremos que essas personagens, para serem dignas do amor, precisam passar, antes, por um ritual de iniciação, o qual serve para exaltar e sacralizar o sentimento amoroso.

Na introdução de seu livro *História do amor no Brasil*, Mary Del Priore (2006: 12) faz a seguinte definição: “Ah, O amor... esse milagre de encantamento, espécie de suntuoso presente que atravessa os séculos. Espécie de maravilhamento sobre o qual somente os artistas, e talvez os amantes, possam nos dizer algo”. A autora diz ser esse sentimento uma espécie de encantamento e de suntuoso presente. E é dessa forma que buscaremos entender o amor: um presente que provoca no ser humano uma espécie de êxtase, de um encantamento que só algo divino poderia proporcionar. Uma dádiva dos deuses aos homens. Sabemos que o sentido da palavra sagrado está relacionado

a elementos divinos, a um conjunto de regras e cerimônias, ou seja, a consagração acontece através de rituais. Dessa forma, podemos entender que os ritos de iniciação também seriam uma forma de sacralização.

Sabemos que, na visão romântica, o amor é o mais nobre dos sentimentos, o mais belo e grandioso. De acordo com a religião cristã (que muito influenciou o Romantismo), é somente através desse sentimento que o ser humano poderá se aproximar do que é divino. Seria então o amor um deus, ou um ser intermediário que levaria o homem a se aproximar dos deuses?

Em *O Banquete*, de Platão, encontramos, no discurso de Fedro, uma espécie de exaltação ao amor. Nesse discurso, tal sentimento é visto como um deus, um dos mais antigos e, por isso, um dos mais poderosos. Observemos a definição apresentada na obra: “Assim pois, eu afirmo que o Amor é dos deuses o mais antigo, o mais honrado e o mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após a sua morte”.¹ De acordo com essa definição, o sentimento amoroso seria algo divino, e teria o poder de dar a felicidade aos homens. Assim sendo, se pensarmos de acordo como o discurso de Fedro –e o das histórias de amor– veremos esse sentimento como uma condição para a felicidade.

Mas, no discurso de Sócrates, que, de certa forma, reproduz o pensamento de Platão, o amor não é exatamente um deus. Ele seria uma espécie de ser intermediário –nem humano, nem deus. Representaria o desejo e seria filho do recurso e da pobreza.

O estudioso Grimal (1993: 148) nos mostra a caracterização que Platão faz do amor: “Sempre em busca do seu objeto, tal como a Pobreza, sabe sempre uma maneira de atingir os seus fins (como o Recurso). Mas longe de ser um deus todo-poderoso, é uma força eternamente insatisfeita e inquieta”. Podemos

¹ Platão (1991: 14).

observar, nessa caracterização feita por Platão, que o herói romântico costuma mostrar-se insatisfeito, pois sente que lhe falta algo, e por isso é motivado a sair em busca de seu objeto de desejo.

Na história de Eros e Psiquê -que representam o Amor e a Alma- enquanto esta é uma mortal, Eros é um deus. E, para poder unir-se a esse deus, ela precisa enfrentar diversas tarefas. Acreditamos que essa personagem, por ser humana e querer relacionar-se com o Amor, que é divino, precisa se superar, precisa provar que tem coragem e virtudes para merecer essa relação. Da mesma forma, as princesas dos contos de fadas e as heroínas românticas, para alcançarem a felicidade eterna, necessitam provar que são dignas desse sentimento sagrado.

Podemos resumir o que foi dito até agora da seguinte forma: de acordo com a mentalidade romântica, o amor é divino, e, para merecê-lo, é necessário, antes, passar por provas, pois só a partir daí é que o ser humano irá superar a sua condição de simples mortal e será digno de aproximar-se de Deus e de alcançar a felicidade. Essa ideia romântica relacionada ao amor está presente na religião cristã, em algumas histórias míticas, nos contos de fadas e em diversos romances românticos.

Vejamos o que nos informa Bettelheim sobre o que outros estudiosos dizem em relação ao mito e aos contos de fadas, e o valor que eles apresentam para a vida humana. Também é interessante observarmos o que é dito sobre essas histórias derivarem ou expressarem ritos de iniciação. Vejamos as palavras do autor:

Mircea Eliade, por exemplo, descreve estas histórias como “modelos para o comportamento humano (que), devido a este mesmo fato, dão significação e valor à vida”. Traçando paralelos antropológicos, ele e outros sugerem que os mitos e contos de fadas se derivam de, ou dão expressão simbólica a, ritos de iniciação ou outros rites de passage –tais como a morte metafórica de um velho e inadequado eu para renascer num plano mais elevado de existência. (Bettelheim, 2002: 45)

Anotemos agora algumas semelhanças entre as tarefas impostas a Psiquê e os obstáculos enfrentados pelas princesas dos contos de fadas. A necessidade de pôr à prova a virtude da mulher amada é o que dá início às várias provas que Psiquê precisa enfrentar. Eros não aceita que sua amada não tenha cumprido o trato que eles haviam feito e, por isso, parte, com a intenção de aguardar a redenção de Psiquê.

Podemos identificar semelhanças entre o mito de Psiquê e a história de Cinderela. No mito, o que vemos é que a personagem, devido aos conselhos de suas duas irmãs invejosas, sentiu uma grande necessidade de ver o rosto de seu marido (Eros). Por ter agido dessa forma, o seu amado parte, uma vez que ela quebrou o acordo que havia entre eles. A inveja de suas irmãs foi o que se impôs entre ela e o Amor, seria então este um primeiro obstáculo. Já na história de Cinderela, esta também sofre com a inveja de suas irmãs. Por isso é maltratada e se vê proibida de ir ao baile, onde encontraria seu grande amor.

Na versão de Grimm (2002: 160), a madrasta de Cinderela, a fim de evitar que a moça vá ao baile, ordena-lhe que cate as ervilhas que estão entre as cinzas e por isso lhe diz: “Vou atirar essa baciada de ervilhas no monte de cinzas, e se tiveres catado todas em duas horas, poderás ir à festa também”. Catar cereais é a primeira tarefa que a invejosa Afrodite impõe a Psiquê para afastá-la de Eros: “A jovem fugiu até que finalmente a deusa a alcançou: levou-a então como prisioneira para o seu palácio, atormentou-a de mil maneiras, impôs-lhe múltiplas tarefas – escolher cereal, tosquiar carneiros selvagens e até descer aos infernos”.²

Bettelheim, ao falar sobre a tarefa imposta à Cinderela, apresenta como significado mais profundo a capacidade necessária à personagem de separar

² Grimal (1993: 400).

aquilo que é bom daquilo que é ruim, e também a de valorizar as tarefas que, muitas vezes, possam parecer insignificantes. Segundo o autor, a tarefa exigida a Borrallheira parece sem sentido. Ele afirma o seguinte:

“Por que esparramar lentilhas entre as cinzas, só para serem catadas novamente? A madrasta está convencida de que isto é impossível, degradante, sem significado. Mas Borrallheira sabe que é possível conseguir algo de bom de qualquer coisa se lhe atribuirmos significado, mesmo que seja remexer em cinzas”. (Bettelheim, 2002: 301)

Dessa forma, podemos constatar que tanto Cinderela quanto Psiquê, ao cumprirem essa tarefa, mostram que são capazes de dar valor às coisas mais simples e que também têm o dom do discernimento, pois sabem separar o que é bom daquilo que é mal.

Também podemos identificar semelhanças entre os obstáculos impostos a Psiquê e a Branca de Neve. A extrema beleza de Psiquê provoca a inveja da bela e vaidosa deusa Afrodite. A deusa da beleza não consegue lidar com o sentimento de inveja que nutre pela bela e jovem princesa, por esse motivo, impõe-lhe os mais diversos obstáculos a fim de separá-la de Eros.

Branca de Neve também era dona de uma extrema beleza e foi isso que despertou a inveja e a fúria de sua madrasta, que não suportava a ideia de haver no mundo mulher mais bela do que ela. Assim sendo, foram a vaidade e a beleza que impuseram obstáculos para a realização do amor entre Branca de Neve e o príncipe encantado, assim como ocorreu entre Psiquê e Eros.

É comum pensarmos nas princesas dos contos infantis como personagens perfeitas –virtuosas e sem máculas– no entanto, Bettelheim observa que em Branca de Neve, não é tão difícil assim identificar o defeito da vaidade. Pois, por mais de uma vez, ela se deixou enganar, encantada que estava com os enfeites trazidos por sua madrasta. Vejamos uma passagem do conto:

Disse então a rainha, “apenas olha meus lindos pentes”, e estendeu-lhe o envenenado. E ele parecia tão bonito que Branca de Neve o pegou e passou

no cabelo para experimentar, mas, no momento em que o pente encostou em sua cabeça, o veneno era tão potente que ela caiu sem sentidos. (Grimm, 2002: 92)

Vaidosa também era Psiquê que, ao cumprir a tarefa de descer aos infernos e buscar o elixir da eterna beleza, não resistiu à tentação de se apossar do frasco e, por sua vaidade, assim como Branca de Neve, a jovem fracassa diante desse obstáculo e, como castigo, cai em um sono profundo.

Observemos o que diz Bettelheim (2002: 251) sobre esse defeito de Branca de Neve: “Como é a própria vaidade de Branca de Neve que faz com que deixe a rainha colocar-lhe o cinto, ela e a madrasta vaidosa têm muito em comum”. O autor nos mostra ainda que a jovem princesa tinha necessidade de amadurecer. E o mesmo podemos dizer de Psiquê. Ambas necessitavam desse amadurecimento para alcançarem o amor e para serem dignas de tal sentimento: “Sem ter experimentado e dominado os perigos que surgem com o crescimento, Branca de Neve nunca se uniria ao príncipe”.³

Também podemos notar semelhanças entre os obstáculos enfrentados por Psiquê e Bela Adormecida.

Sobre as personagens citadas, podemos dizer que todas experimentam uma espécie de morte metafórica; também podemos notar que elas só conseguem escapar desse estado mórbido através do auxílio de seus amados. Tais personagens necessitam despertar para a vida e mostrar que estão prontas para o envolvimento amoroso –seria uma espécie de última etapa do ritual de iniciação que elas enfrentam. Observemos o comentário que Bettelheim (2002: 274) faz sobre essa morte metafórica:

O mundo inteiro fica morto para a pessoa: eis o significado simbólico e admonitório do sono mortífero em que caem tudo e todos que circundam Bela Adormecida. O mundo só está vivo para a pessoa que desperta para

³ Bettelheim (2002: 251).

ele. Só o relacionamento com os outros nos “desperta” do perigo de deixar nossa vida adormecida.

O que podemos constatar é que as duas personagens são vítimas da curiosidade: Psiquê queria conhecer os efeitos do elixir da eterna juventude; Bela Adormecida queria ver de perto um objeto que lhe era desconhecido (roca). E é por causa da curiosidade que essas duas personagens são castigadas.

Defeitos que devem ser superados, como a vaidade e a curiosidade; qualidades que devem ser exaltadas, como a paciência e o discernimento. Como podemos observar tais personagens servem de modelos para o comportamento humano. E, como vimos, as personagens aqui citadas experimentam uma espécie de rito de passagem, isto é, os obstáculos apresentados nessas histórias seriam uma forma de iniciação, e, a partir do momento em que as heroínas vencem esses obstáculos, terão que iniciar-se em algo novo, precisam despertar para uma nova vida. Após enfrentarem uma morte metafórica, elas renascem mais amadurecidas e prontas para viver plenamente o sentimento amoroso.

Destacamos, aqui, semelhanças existentes entre o mito e os contos de fadas – essas semelhanças podem ser notadas sobretudo nos obstáculos enfrentados. Observamos ainda que as dificuldades servem para pôr à prova as virtudes das heroínas, pois só provando serem pacientes, bondosas, corajosas e maduras é que elas podem ser dignas de viver um grande amor.

O que podemos observar é que as histórias de amor se baseiam no princípio dos desencontros entre os seres que se amam. Os desencontros servem para exaltar o sentimento amoroso –sem obstáculos, não há romance: “Sem entraves ao amor, não há romance. Ora, o que amamos é o romance, isto é, a consciência,

a intensidade, as variações e os adiamentos da paixão, seu crescendo até a catástrofe – e não sua chama fugaz”.⁴

Citamos aqui o mito de Psiquê por dois motivos: primeiro por acreditarmos que, nessa narrativa, iremos encontrar a origem de diversos motivos narrativos que estão presentes em vários contos de fadas; segundo, para mostrarmos que assim como nas histórias míticas –que datam de tempos remotos as heroínas aqui estudadas– Cinderela, Branca de Neve, Bela Adormecida precisam passar, antes do casamento, por uma espécie de ritual de iniciação.

Esse ritual é representado pelos diversos obstáculos que tais personagens precisam enfrentar no decorrer de suas histórias. É importante reforçar que cabe às bruxas e madrastas colocarem os diversos obstáculos que levarão às princesas a se tornarem mulheres mais maduras e preparadas para o relacionamento amoroso. No *agón* entre princesas e bruxas, o que vemos é, respectivamente, a construção e desconstrução da imagem da boa esposa. Enquanto as princesas são exemplos a serem seguidos, uma vez que são virtuosas, fieis e corajosas; as bruxas representam uma imagem negativa de mãe e esposa, pois são egoístas, vaidosas e dissimuladas.

Isso serve para reforçar a seguinte ideia: há, no mito de Psiquê e nos contos de fadas aqui estudados, uma intenção de educar a mulher para o casamento, pois, só depois de as heroínas dessas histórias provarem ser dignas do mais nobre dos sentimentos, superando todos os defeitos e mostrando-se virtuosas acima de tudo, é que poderão receber a grande recompensa, o epílogo mais esperado: casarem-se e serem felizes para sempre...

BIBLIOGRAFIA

⁴ Rougemont (2006: 71).

- BETTELHEIM, B. (2001) *A Psicanálise dos contos de fadas*. Trad. A. Caetano. 15ª edição, São Paulo.
- GRIMAL, P. (1993) *Dicionário da mitologia grega e romana*. Trad. V. Jabouille. 2ª edição, Rio de Janeiro.
- GRIMM, W. e J. (2002) *Contos de Fadas*. Trad. Celso M. Paciornik. 4ª edição, São Paulo.
- PLATÃO. (1991) *O Banquete*. In: PLATÃO. *Diálogos/Platão*. 5ª edição. Trad. J. Cavalcante de Souza, J. Paleikat e J. Cruz Costa, São Paulo.
- PRIORE, M. Del (2006) *Histórias do Amor no Brasil*. 2ª edição, São Paulo.
- ROUGEMONT, D. de (2006) *História do Amor no Ocidente*. Trad. P. Brandi e E. Brandi. 2ª edição, São Paulo.